SEMPRE PRONTO

PORTE PAGO
ANO XXXVI
Números 420 e 421
Setembro e Outubro
de 1980

Mensário Escotista Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal
Rua Saraiva de Carvalho, 97 – 1200 LISBOA

Avulso: Esc.: 20$00

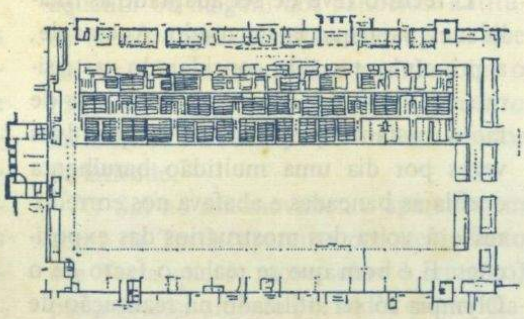
O JAMBORI DE 1920

Primeiro Passo de Uma Longa Caminhada

A facilidade com que o Escotismo se ia radicando nos vários países deu origem a que alguém perguntasse se tal não seria comparável ao crescimento de um cogumelo. Com esta alusão, tentava-se mofar do Escotismo, ao referir com subtileza a rapidez de crescimento dessas espécies botânicas, mas também, ou sobretudo, a sua efémera existência. Afinal, a criação de B.-P. havia de se afirmar sólida e indelével, provando assim que esse crescimento seria mais assemelhável ao da bolota que, deitada à terra, germina e dá origem a essas formosas árvores – os carvalhos – capazes de transporem os séculos.

E porquê esta perenidade do Escotismo? Porque, graças à originalidade do seu método e ao interesse que gera entre a mocidade, o Escotismo, logo que despontou em Inglaterra, teve o condão de atrair a curiosidade de educadores de variados recantos do mundo. Uma das provas deste asserto é-nos dada pelo facto de, durante uma visita de B.-P., em 1909, à América do Sul, o Fundador ter tido ensejo de verificar o interesse que o Escotismo despertava, tanto no Brasil, como na Argentina e no Chile. Outra prova desse interesse vê-se na presença de numerosa participação estrangeira no Rali de Birmingham, que se realizou em 1913.

Estes progressos que o Escotismo ia revelando seriam, contudo, bem depressa empanados por um acontecimento de certo modo inesperado, mas de profundas repercussões em todos os aspectos sociais. Referimo-nos ao rebentar da Grande Guerra, em Agosto de 1914. A crise mundial a que esta conflagração deu origem não foi, contudo, suficiente para que B.-P. abandonasse os projectos que delineava para incutir nova vida à obra educativa que empreendera, embora se sentisse obrigado a aguardar o final do grande conflito para concretizar disposição de âmbito geral.



A planta do Olympia, depois de adaptada para a realização do 1º Jambori Mundial.

É assim que, ainda em 1916, o Fundador sugeria que o décimo aniversário do movimento fosse comemorado em 1918 com uma grande manifestação festiva. Todavia, os acontecimentos contrariaram este projecto, visto que a guerra havia de se prolongar até quase ao final desse ano. Mas logo após o armistício foi discutida a organização de um grande rali a efectuar-se dois anos depois.

A secretária de B.-P., miss E. K. Nugent, que mais tarde desposaria o major A. G. Wade, um dos mais íntimos e eficientes colaboradores do Chefe Mundial, refere no seu livro *Vinte e Cinco Anos com Baden-Powell* que este, em certa altura, lhe confiou o rascunho, escrito a lápis, como era seu hábito, do programa do que seria o primeiro Jambori. O chefe concebia essa actividade como um meio de fazer conhecer à gente de todo o mundo quais os métodos e ideais do movimento e para estimular o espírito de camaradagem entre a juventude. Ao mesmo tempo, a grande reunião seria aproveitada para oferecer ao público um certame de trabalhos que revelassem a arte, a literatura e o equipamento escotistas, tudo isto em simultaneidade com efectivação de desfiles e competições e ainda de demonstrações, exposições e récitas levadas a cabo pelos escoteiros. Nesse rascunho, o Chefe previa a participação de escoteiros da Grã-Bretanha e dos Domínios, mas também a vinda de delegações estrangeiras. Pela primeira vez, B.-P. designaria esse grande encontro como "Jambori Internacional".

continua na pág. 2

JAMBORI DE 1920

continuação da pág. 1

ADMINISTRAÇÃO

Durante os últimos meses, mais os seguintes assinantes nos remeteram gentilmente o valor de suas assinaturas, o que muito agradecemos:

ASSINANTES PATROCINADORES

Vanda Ribeiro (1980/81)	584$00
Domingos José de Oliveira Figueiredo	150$00
António Almeida	300$00
Dr. Fernando de Meira Ramos	200$00
Arnaldo Eduardo Couto	200$00
António Pacheco da Silva (1979/80)	500$00
José Ferreira Fernandes	200$00
Jorge Frederico M. Calás	250$00
Eduardo Armando Pereira Balão	150$00
Herlander Alfazema Diniz	200$00
Jorge António dos Santos	130$00

OUTROS ASSINANTES

José Passos Diniz	100$00
Sérgio Augusto Givá	100$00
Mirzan Moussá	100$00
Abdul Malik Aly	100$00
Riaz H. Issá	100$00
Fernando Amílcar da Silveira	100$00
José Mendes Guerreiro	100$00
Domingos Jacinto Peres	100$00
Ashif Amin Juma	100$00
Nariman Matadali	100$00
Aníbal Rodrigues Horta	100$00
Grupo nº 31 dos E. P.	100$00
Associação dos Escoteiros de Portugal	100$00
Vítor Manuel Lino	100$00
Idílio Custódio Gonçalves	100$00
Luís Garcia Inácio	100$00
José Manuel Moniz Robison	100$00

SEMPRE PRONTO

PROPRIEDADE
Aliança Nacional das ACMs de Portugal
DIRECTOR
Eduardo Ribeiro
DIRECTOR ADJUNTO
Joel Ribeiro
ADMINISTRADOR
José Eduardo Pena Ribeiro
COLABORADOR
Capitolino Ferreira Macedo
COORDENAÇÃO GRÁFICA
Carlos Martins

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS

R. Saraiva de Carvalho, 97 - 1200 Lisboa
Telef. 60 37 34 - 60 37 78 - 60 36 89

FUNDADO
em 1 de Janeiro de 1945

Assinatura anual: Esc. 100$00

Estrangeiro: Esc. 200$00 — Avulso: Esc. 10$00

O QUE FOI O 1º JAMBORI MUNDIAL

Mas o que foi, de facto, este primeiro Jambori Internacional? Diferentemente dos outros que se lhe seguiriam, esta reunião de escoteiros constituiu, sobretudo, como já dissemos, um certame escotista, uma demonstração da arte de ser escoteiro e dos ideais e do método defendido pelo movimento, segundo o pensamento do Fundador. Para a organização dessa iniciativa, B.-P. reuniu à sua volta um eficaz estado-maior que se entregou, de alma e coração, ao planeamento do grande encontro da juventude, tarefa complexa, visto que nessa altura ainda não se tinha colhido os ensinamentos em que a experiência é fértil. Não faltaram, por isso, os pessimistas que pretendiam que o Fundador se entregava a voos demasiado altos e acalentava exageradas ambições. Receavam, portanto, que o Jambori, envolvendo terrível risco viesse a corresponder a completo malogro. Mas B.-P. nem por um momento vacilou nos seus propósitos, pelo que os trabalhos não sofreram qualquer interrupção.

Para teatro do primeiro Jambori, foi escolhido o Olympia, vasto recinto de Londres, com uma grande arena de cerca de 100 metros de comprimento e uma largura de 26. Além destas amplas dimensões da dependência principal, o Olympia dispunha ainda de vários compartimentos, muito apropriados para exposições e outros acontecimentos que não carecessem de largas dimensões para o seu desenvolvimento.

O recinto teve de ser adaptado às finalidades para que ia ser usado. Apesar de, a princípio, ter sido considerado vastíssimo, o Olympia acabou por mostrar-se de facto bastante pequeno, visto que duas vezes por dia uma multidão barulhenta enchia as bancadas e abafava nos corredores e à volta dos mostruários das exposições. E é bom que se realce o facto de o Olympia só ser utilizado na realização de espectáculos, competições e demonstrações escotistas, visto que os escoteiros participantes efectivamente do Jambori, em número de cerca de 5 000, acamparem num local próximo, em Richmond, no Parque do Velho Veado. Sublinhe-se, porém, que em Londres as presenças de escoteiros, vindos de todos os continentes, contavam-se por muitos milhares.

O padre J. Sevin, grande obreiro do Escotismo, conta que "nem os chefes, nem os escoteiros tinham compreendido, até àquela altura, toda a força moral que os unia, em despeito das diferenças de língua, de raça e de cor. No Olympia, no acampamento de Richmond, nas ruas da capital, o uniforme escotista ou a flor-de-lis na botoeira substituíam todas as apresentações: o filho de família romano e os pequenos mineiros do País de Gales, membros da Câmara de Lordes e professores de aldeias suíças ou francesas, todos *confraternizavam* efectivamente. Parecia que se conheciam já há muito tempo e que não haviam de se separar. Todos sentiam que no seu encontro havia qualquer coisa ainda mais significativa do que se se tratasse, por exemplo, de um congresso, internacional de cem mil ginastas, visto que os chefes, caminheiros, escoteiros e lobitos, do maior ao mais pequeno, do Conde de Meath, de 84 anos de idade, ao último lobito, que não contaria mais do que 8, todos se assemelhavam, menos ainda no uniforme que pela alma, pelas suas almas todas orientadas para o mesmo ideal de Honra, do Dever, da Pureza, todos afeiçoados pela mesma Lei Escoteira e pela mesma Promessa. E se se pensar que nesta Promessa a grande maioria das associações inclui a observância dos deveres para com Deus, é-se forçado a admitir que as organizações não estavam erradas em atribuir o êxito do Jambori ao espírito de fraternidade cristã que pairava sobre esses dias inesquecíveis".

OS GRANDES MOMENTOS DO JAMBORI

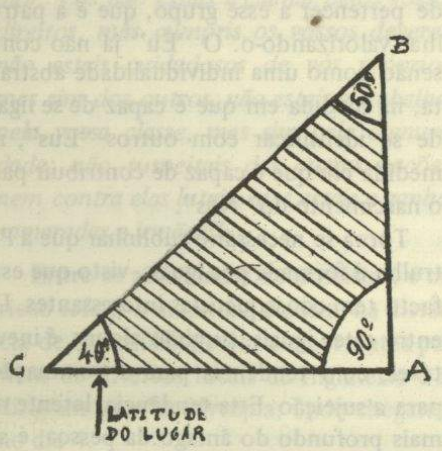
Como já dissemos, este Jambori foi um contínuo desfilar de rapazes que apresentavam os seus talentos escotistas. Mas alguns momentos houve ao longo desses dias de festa que se demarcaram da, íamos a dizer, normalidade dos restantes. É justo salientar a cerimónia inaugural, que contou com a presença do Duque de Connaught e de duas princesas. Esta cerimónia marca o início do primeiro desses excepcionais acontecimentos que viriam a desempenhar papel preponderante na vida da juventude de todo o mundo no século em curso. Os Jamboris são de facto realizações marcantes e de enorme repercussão do Escotismo, o mesmo é dizer que influíram, e continuam a influir, na educação das camadas de jovens dos últimos decénios.

No domingo, dia 1, o Arcebispo de

continua na pág. 5

VAMOS CONSTRUIR UM RELÓGIO DE SOL?

O Escoteiro não pode deixar de ser um grande admirador da Natureza em todas as suas manifestações, da imutabilidade das suas leis, da beleza dos seus movimentos e conformações. A construção de um relógio de sol, de uma facilidade patente, oferecerá um excelente motivo para o escoteiro se identificar melhor com alguns aspectos dessa admirável ciência que é a Geografia, através da qual muitos e muitos mistérios do mundo em que vivemos nos são devidamente explicados.



Vamos pois construir um relógio de sol no pátio da nossa sede ou no terreiro em frente do acampamento.

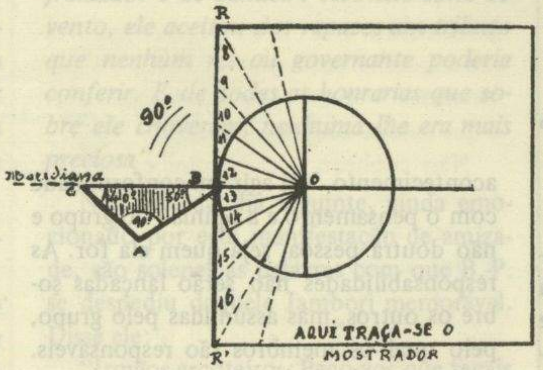
BREVES NOÇÕES DE GEOGRAFIA MATEMÁTICA

Para facilitar o estudo da Geografia Matemática, os astrónomos estabeleceram várias linhas imaginárias que dividem o Globo Terrestre em diversas zonas.

Como se sabe, a Terra executa dois movimentos: – o de *rotação* e o de *translação*. O movimento de rotação é feito em torno de uma linha imaginária, denominada *eixo da Terra*. Os dois pontos da superfície do globo, correspondentes às extremidades do eixo da Terra, são chamados pólos, havendo, portanto, o *pólo do Norte, árctico ou boreal e o pólo do Sul, antárctico ou austral.*

Foram ainda imaginadas outras linhas que cortam a superfície da Terra, as quais se dividem em *círculos máximos e menores e coordenadas geográficas*.

Dos círculos máximos, o principal é o *equador*, linha perpendicular ao eixo da Terra e situada a igual distância dos dois pólos e que divide a esfera terrestre em duas metades: o *hemisfério do norte ou setentrional e o hemisfério do sul ou meridional*.



De grande importância é, também, o *meridiano*, que é o círculo que, passando pelos dois pólos, divide a Terra também em dois hemisférios, denominados, desta vez, *oriental e ocidental*.

Os círculos menores, sem importância para o nosso estudo, são em número ilimitado e todos paralelos ao equador. Quatro deles merecem referência especial: os *trópicos de Câncer e de Capricórnio e os círculos polar árctico e antárctico.*

Coordenadas geográficas: como não era possível, só com o traçado dos círculos máximos e menores, determinar com exactidão um lugar à superfície da Terra, os geógrafos estabeleceram ainda as coordenadas geográficas (*longitude e latitude*). Como se sabe, uma circunferência é dividida em 360° · Ora, subentende-se por longitude de um lugar a distância em graus que vai desde o meridiano desse lugar ao primeiro meridiano, contada no equador ou nalgum dos paralelos. Latitude de um lugar é a distância em graus que vai desse lugar ao equador medida sobre o meridiano. A *colatitude* ou *complemento* da latitude é o valor de 90° menos o valor da latitude.

O Sol no seu movimento aparente em torno da Terra (aparente porque de facto é a Terra que se move sobre o seu eixo) passa sucessivamente por todos os meridianos, no espaço de 24 horas, percorrendo, portanto, em cada hora.

$$\frac{360^{o}}{24^{o}} = 15^{o}$$

de longitude, ou seja, 1° em 4 minutos.

CONSTRUÇÃO DE UM RELÓGIO DE SOL DE MOSTRADOR HORIZONTAL

Em primeiro lugar construiremos um esquadro, conforme nos indica a fig. 1, o qual obedecerá aos seguintes requisitos:

Os ângulos C e B variarão conforme a latitude do lugar. Só o ângulo A conservará sempre o seu valor (90°). A nossa gravura indica um esquadro para um lugar da Terra onde a latitude seja de 40°, porque o ângulo C terá terá sempre um valor igual à latitude do lugar onde for montado o relógio.

Para que serve este esquadro? Irá servir de gnómon, isto é, o ponteiro de relógio de sol.

Na fig. 2 vemos o gnómon com o seu lado colocado na linha C-B-O, a qual coincide com a *meridiana*, isto é, a direcção do meridiano do lugar, ou, melhor, a linha norte-sul. Nesta mesma figura, vemos ainda desenhado um círculo, que é, nem mais nem menos, o mostrador do nosso relógio de sol. O raio deste círculo (O-B) tem um cumprimento igual ao lado B-A do esquadro.

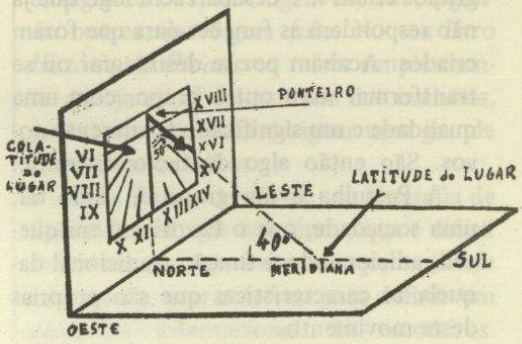


Fig. 3

Perpendicularmente à meridiada, vamos traçar a linha R-R', que fica tangente ao círculo O-B.

Falta agora marcar as horas. Para isso, partindo de O, vão-se traçando raios que formem ângulos de 15°, que é, como vimos acima, o número de graus percorridos pelo Sol em relação à Terra. Esses raios prolongam-se até à linha R-R', marcando-se em cada raio, as horas, conforme estão indicadas na fig. 2.

CONSTRUÇÃO DE UM RELÓGIO DE SOL DE MOSTRADOR VERTICAL

Como é óbvio, o relógio que indicamos acima só poderá ser construído em superfícies horizontais. Acontece, por vezes,

continua na pág. 13

A PATRULHA (4)

por Adolfo Aristeguieta Gramcko

2. UMA MICROSSOCIEDADE

Uma sociedade que é mais que um simples agregado de indivíduos, é um sistema de relações, de forças em interacção, que se modificam e se influenciam mutuamente.

O grupo oferecerá continuamente novas situações e cada uma delas terá valor de "prova da realidade". Será o indivíduo capaz, ou não, de encontrar uma nova solução e de a aplicar? Essa solução será, ou não, adequada? A ocasião de realizar uma experiência oferece-se em cada momento, o que é um ensinamento de valor inestimável. Os grupos formam-se, geralmente, e sobretudo durante a adolescência, de uma forma espontânea. Oferecem uma solução para os problemas fundamentais com que se debate, então, o indivíduo. Os grupos criam-se e desaparecem logo que já não respondem às funções para que foram criados. Acabam por se desintegrar ou se transformar num outro grupo com uma qualidade e um significado totalmente novos. São então algo de facto diferente.

A Patrulha é um grupo e, como tal, uma sociedade, que o Escotismo enriqueceu, adicionando à função tradicional daquela as características que são próprias deste movimento.

Examinemos alguns dos traços característicos desta sociedade:

Em primeiro lugar, a nossa atenção deve ser atraída pelo facto de se tratar de um grupo sem adultos. O adulto, personagem de que todo o adolescente procura libertar-se, não tem lugar na Patrulha. Praticamente, todos os seus membros têm a mesma idade. E isto é um facto de extrema importância. Sem o adulto, os seus componentes estão sós, são livres no seio de uma sociedade livre, não sofrem constrangimentos, nem da parte da sociedade, doutras forças, senão das que são impostas pelo meio, no próprio interesse do grupo. Tal facto reveste-se de extrema importância. Só longe dos adultos é que pode ser feita uma completa experiência da própria liberdade e do direito à autodeterminação. A Patrulha, porque é uma entidade, terá de actuar em cada vez que tenha de fazer frente a qualquer situação ou acontecimento. Vai agir em conformidade com o pensamento e a opinião do grupo e não doutra pessoa, seja quem ela for. As responsabilidades não serão lançadas sobre os outros, mas assumidas pelo grupo, pelo qual os membros são responsáveis. De outra forma, se se fica submetido aos conselhos ou directivas exteriores, prolongar-se-á indefinidamente uma situação de dependência, o que impedirá o adolescente de levar a cabo o aprendizado da liberdade. Prolongar indefinidamente o vínculo dos adultos seria erguer um obstáculo à marcha para a maturidade. É esta a razão por que o adolescente procura libertar-se dos adultos e se associa aos seus pares e com eles enfrenta os problemas comuns.

A Patrulha oferece uma primeira oportunidade para exercer a liberdade a uma certa escala, exercício este que comporta um mínimo de risco para o indivíduo, visto que a responsabilidade é partilhada por todos e a acção exercida "seguindo" o guia. Com esta partilha da responsabilidade, reduzem-se os sentimentos de culpabilidade que nascem das tomadas de iniciativa, o que torna possível a acção e a aprendizagem da liberdade.

A Patrulha sente-se como uma importante realidade e o indivíduo acha-se em segurança, isto porque se encontra associado a outros e tem interesse em manter existência do grupo que o rodeia e o sustém. Ele sabe que a sua sobrevivência depende da do grupo e que ele progredirá graças à ajuda deste. Estamos então diante duma situação com a qual o indivíduo se identifica e que é capaz de se identificar com um objecto "Ideal" e "Plural": o grupo.

Desde a mais tenra idade que a criança se encontra no centro dos seus próprios interesses. Esta posição "egocêntrica" não somente perde todo o objectivo quando se chega a determinada idade, como também pode vir pôr um freio a consecução de mais vastos objectivos, próprios do homem adulto.

Pode-se dizer que se dão os primeiros passos na socialização. Os interesses do grupo começam a identificar-se com os do indivíduo. Num dado momento, define-se a "Consciência de Grupo", já não se pensa em função do "Eu", mas em função do "Nós". Compreende-se então que a própria existência do "Nós" é a garantia da própria existência de cada um.

No campo, e na vida da Patrulha no seu conjunto, cada qual tem um certo valor e existe na medida em que é capaz de pertencer a esse grupo, que é a patrulha, valorizando-o. O "Eu" já não conta senão como uma individualidade abstracta, na medida em que é capaz de se ligar, de se identificar com outros "Eus", na medida em que é capaz de contribuir para o nascimento do "Nós".

Torna-se necessário sublinhar que a Patrulha é formada por iguais, visto que este facto tem consequências interessantes. De entre estes iguais, surgirão alguns, é inevitável, com tendência para a dominação, para a sujeição. Esta tendência, latente no mais profundo do âmago da pessoa, é satisfeita harmoniosamente pela Patrulha. Dominar outro é uma forma de se sentir a si próprio em segurança, de colocar em evidência o próprio valor. É uma maneira de julgar, na realidade exterior, os efeitos do nosso próprio poder. Àquele que é senhor de outrem, não se põe geralmente a questão de saber se é senhor de si mesmo. Daí os desejos desmedidos de poder daquelas personalidades pouco seguras de si, que não chegam a convencer-se da sua própria liberdade, visto que esta é inexistente.

continua

(Publicado por "Training Formation" - Secretaria Mundial do Escotismo)



O JAMBORI DE 1920

continuação da pág. 2

Iorque dirigiu o serviço religioso. As palavras que então pronunciou são uma afirmação inequívoca do apreço com que o Escotismo, já nessa altura, era olhado por entidades responsáveis pela educação da juventude. São dessa célebre peça oratória estas frases lapidares:

"Estou quase assombrado por esta poderosa multidão de jovens aqui reunida. Que pacto tão solene é esse que leva o Movimento a pô-lo em acção? Há só uma resposta: – fazer um mundo novo e melhor. Vós não estais a clamar pelos vossos direitos, mas cumpris os vossos deveres; não estais cuidadosos de vós próprios, mas sim dos outros; não estais a trabalhar pela vossa classe, mas sim pela comunidade; não suspeitais das outras nações, nem contra elas lutais, mas estais a ganhar camaradas e irmãos".

Entre as actividades desportistas, é curioso referir a maratona ciclista, na distância de mil milhas, cujos concorrentes partiam de diversos locais da Inglaterra e se dirigiam para o Olympia, onde chegaram no dia 4.

B.-P. também contribuiu com um seu trabalho para um dos espectáculos realizados no Olympia, pois escreveu uma peça, *As Origens do Escotismo*, em que se narrava as proezas do Capitão John Smith, célebre navegador e aventureiro inglês e do seu casamento com uma nativa da Virgínia, a Princesa Pocahontas, o que lhe permitiu ser poupado a uma execução.

O ESCOTEIRO-CHEFE MUNDIAL

Todavia, o momento crucial deste Jambori foi, fora de dúvida, a cerimónia do dia 6, em que B.-P. foi espontaneamente aclamado, pelos milhares de jovens ali reunidos, Escoteiro-Chefe Mundial!

Eis o que nos conta um opúsculo intitulado *From Jamboree to Jamboree*, em que é feita a história dos Jamboris anteriores à guerra Mundial:

"Esse tributo foi espontâneo; nada tinha sido preparado como parte do programa quando o Jambori foi organizado, mas à medida que os dias passavam tornava-se mais e mais evidente a forte atracção que um só homem conseguia exercer sobre o coração e a fidelidade daqueles milhares de rapazes provenientes de tão variadas terras. A não ensaiada cerimónia realizou-se na arena, na sexta-feira de tarde. Diante dos estandartes das nações desfraldados e de bandeira escotista solta ao vento, ele aceitou dos rapazes um tributo que nenhum rei ou governante poderia conferir. E de todas as honrarias que sobre ele choveram, nenhuma lhe era mais preciosa".

Na tarde do dia seguinte, ainda emocionado por esta manifestação de amizade, são solenes as palavras com que B.-P. se despediu daquele Jambori memorável. Disse ele:

"Irmãos escoteiros: Peço-vos que façais uma escolha solene. Existem diferenças entre os povos do mundo, nos pensamentos e sentimentos, assim como na linguagem e aspecto físico. A guerra ensinou-nos que, se uma nação tentar impor a sua força sobre as outras, isso provocará violenta reacção. O Jambori ensinou-nos que, se exercitarmos uma mútua cordialidade no dar e receber, então surgirá a simpatia e a harmonia. Se é isto que desejais, vamos ficar daqui para diante intimamente determinados em desenvolver esses sentimentos entre nós próprios, entre os nossos amigos e camaradas, através do ideal da Camaradagem Escotista mundial. Assim nós poderemos ajudar a desenvolver a paz e a felicidade no mundo e a boa vontade entre os homens. Irmãos Escoteiros; respondei-me: quereis juntar-vos nesta campanha"?

A rematar estas palavras do Chefe, um estrondoso grito ecoou naquele lugar. Era um "sim" convictamente proferido por aquela multidão de rapazes.

Não seria este o último apelo do Chefe em favor da paz entre as nações. Noutras oportunidades confessaria ele a esperança que abrigava de se alcançar a paz através destes contactos, tocados pelos sentimentos de camaradagem e pelo conhecimento mútuo da juventude de todas as nações. Infelizmente assim não quiseram os homens. Quantas hecatombes não teriam sido evitadas se estas palavras de ouro do Fundador tivessem sido escutadas e postas em acção?

Os últimos tempos da vida de B.-P. foram passados já no meio da mais pavorosa aventura da história. O Fundador do Escotismo merecia decerto um remate mais feliz para a carreira a que um dia metera ombros.

No próximo número:
Os Portugueses no Primeiro Jambori.

JAMBORI PORQUÊ?

Sempre tenho ouvido dizer, na minha passagem pelo Escotismo, que "Jamboree" (1) é uma palavra de origem indiana, a qual quer dizer "grande reunião". No entanto, a significação do termo tem-se invariavelmente apresentado como algo nebuloso, inexplicável. E há razões para isso.

A consulta dalguns documentos que temos em nosso poder ou que mão amiga nos facultou, embora lance alguma luz sobre o problema, o certo é que não o esclarece definitivamente.

Porquê jambori? é uma interrogação que não encontra a resposta cabal que se desejaria. Eis os testemunhos dalgumas entidades que merecem certo crédito, visto terem assistido aos actos históricos que conduzem à realização dos jamboris ou que conviveram de perto com personalidades ligadas a essas tarefas.

Diz Henry Van Effenterre que jambori é, segundo uns, de origem indiana, segundo outros, de origem zulo. No seu livro *História do Escotismo* refere simplesmente que jambori foi tomado dos indianos, por eles usado para designar uma grande assembleia de tribos.

E. E. Reynolds afirma, na biografia de Baden-Powell que nos legou, que é difícil determinar o momento em que o Chefe começou a usar o termo para definir um encontro internacional de escoteiros.

Por seu lado, M. E. Carter conta que o Chefe inventou o nome de jambori, em lugar de rali, para designar um novo género de acontecimento, aquele em que se reúnem escoteiros provenientes de variados e diferentes países.

Um homem que conheceu intimamente B.-P. desde os primeiros tempos do Escotismo, foi certamente P. B. Neville. No seu livro *A Minha História do Escotismo*, revela que, quando pediram ao Fundador um nome para a grande reunião de escoteiros, B.-P. respondeu que isso passaria a ser denominado jambori. Ao ser-lhe perguntado porquê, replicou: "Que outro nome lhe haveria de ser dado"?

Numa brochura, *From Jamboree to Jamboree*, em que se faz a crónica dos jamboris anteriores à Guerra Mundial de 1939-1945, dão-se algumas achegas importantes para esclarecer a significação

continua na pág. 6

JAMBORI, PORQUÊ?

continuação da pág. 5

dessa palavra. Diz-se aí que o Fundador gostava de dar novos nomes às inovações introduzidas no Escotismo. Por isso, recusou os termos "rally" e "parade" para se denominar uma grande reunião de escoteiros, uma vez que estes vocábulos envolvem acepções que desejava evitar. Foi então, diz o autor da brochura, que lhe ocorreu a palavra "Jamboree", até então poucas vezes escutada.

São de B.-P. estas afirmações, a propósito do problema: "Diversas pessoas atribuem origens diferentes para esta palavra, mas, quaisquer que sejam essas origens, o termo terá ganho um sentido completamente distinto para muita gente, depois daquele ano *(1920)*. Passou a estar associado à maior reunião de rapazes que jamais houve. "Jamboree", para essas pessoas, envolve a ideia de uma alegre, jovial reunião de rapazes, com chapéu de abas largas, dentes arreganhados e vestuário próprio de trabalhadores, constituído por camisa, calções, vara e lenço de pescoço. São eles a parte mais importante do jambori".

Miss E. K. Nugent, secretária de B.-P., na obra em que historia o tempo em que trabalhou com o Chefe, conta que, quando interpelaram B.-P. acerca da estranha significação da palavra jambori, ele respondeu: "Então temos de lhe dar um novo sentido". De facto, os dicionários ingleses registavam "Jamboree" como um vocábulo de origem incerta e com a acepção de pândega ruidosa, patuscada ou farra e, ainda, como um termo de um jogo de cartas. Todavia, em 1933, o *Shorter Oxford English Dictionary* acrescenta a estes significados mais o seguinte: "Um rali de escoteiros, originalmente aplicado ao rali internacional realizado em Olympia, em Agosto de 1920".

Numa edição do *Webster's New World Dictionary*, publicada em 1974, nos E.U.A., mantém-se a origem incerta de "Jamboree" e o significado de "festa tulmutuosa, folia barulhenta; uma reunião ou celebração com programa planeado" e ainda "uma assembleia nacional ou internacional de escoteiros".

Fica assim demonstrado que, tal como B.-P. preconizara, o Escotismo conseguiu dar a esta palavra – "Jamboree" – um novo significado, retirando-lhe, em certa medida, a acepção pejorativa que a marcava. Simbolicamente, talvez se possa afirmar que, em obediência ao seu próprio pensamento, B.-P. aproveitou e desenvolveu a faceta positiva desta palavra – a ideia "reunião" – e extirpou, quanto posssível, o que nela se contém de mal...

Não conheço outras opiniões sobre a origem desta palavra, embora admita que as possa haver. Do que fica exposto, parece que se pode concluir que, não obstante B.-P. conhecer a palavra e a sua significação, não sabia, no entanto, qual seria de facto a sua origem, o que não é de admirar, dado que o Chefe não era propriamente um filólogo. No entanto, a utilização que, daí em diante, se passou a fazer do termo, prova que entrou facilmente no ouvido e caiu nas boas graças do movimento escotista. Foi, portanto, uma feliz adaptação.

Joel Ribeiro

(1) Sempre Pronto *aportuguesou o termo em* jambori, *o que nos parece certo, visto que a grafia adoptada para esta nova palavra não desfigura o vocábulo inglês e não atenta contra a estrutura do nosso idioma. Por outro lado, a sua leitura em português corresponde aproximadamente ao som da palvra pronunciada pelos ingleses. Desta forma, considera-se que, com esta adaptação, não se feriram os preceitos habitualmente tidos em conta em operações desta natureza. Pensamos, por isso, que haverá vantagem em pôr de lado o emprego de* Jamboree, *isto porque, tratando-se de termo alheio ao nosso idioma, em textos em português e porque se trata de substantivo comum, só é lícito escrevê-lo entre aspas ou em cursivo ou sublinhado, o que representa um embaraço, inútil e absolutamente dispensável.*



AS GUIAS DE PORTUGAL

REALIZAM "MÚSICA DA VIDA/DESAFINAÇÃO 80"

No passado dia 11 de Outubro, pelas 15.00 horas, no Pavilhão de Desportos de Lisboa, a Associação de Guias de Portugal levou a efeito a sua actividade de "Música da Vida/Desafinação 80", espectáculo musical de âmbito nacional, organizado por aquela associação.

Este encontro contou com a presença de largas centenas de raparigas, vindas de todo o país, com idades desde os 6 anos, bem como com escoteiros da Associação dos Escoteiros de Portugal, que assim responderam ao amável convite que lhes foi dirigido.

Presentes também representantes da Câmara Municipal de Lisboa e do Ministério da Educação e Cultura, através do delegado do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (FAOJ) e da Aliança Nacional da ACM.

O espectáculo decorreu num ambiente de franca alegria e entusiasmo, sendo somente de lamentar a fraca eficiência da aparelhagem sonora que não emprestou à actividade a real dimensão que possuía.

Após a apresentação pelas diversas regiões da A. G. P. das canções concorrentes, nos três escalões etários, avezinhas, júniores e seniores, a Associação das Guias de Portugal convidou, a título extra programa, os Escoteiros de Portugal a apresentarem as três canções vencedoras no concurso de canções realizado pelo Grupo nº 36 da A. E. P. no passado dia 26 de Abril.

A actividade encerrou por volta das 19 horas, dirigindo-se as participantes para o parque de campismo de Monsanto, onde estavam alojadas, seguindo-se um jantar de convívio.

Este animado festival coroou um dia de intensa actividade, que se repartiu por jogos efectuados no Jardim Zoológico pelas avezinhas, e na Praça do Império para as Guias e Guias seniores.

No domingo, houve uma cerimónia religiosa na igreja de S. Vicente de Fora e a Câmara Municipal ofereceu um almoço às guias, depois do qual se dirigiram às suas terras.

* * *

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO



SEMINÁRIO EURO-ÁRABE DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

Durante o mês de Abril passado, 42 participantes vindos de onze países europeus e de cinco árabes, realizaram um seminário de desenvolvimento comunitário, em Nabeul, na Tunísia. Em conjunto, prepararam projectos centrados na comunidade. Foi o primeiro encontro do género e teve como objectivo desenvolver a cooperação entre as duas regiões. O presidente do Comité Mundial de Desenvolvimento, assim como membros do pessoal da Repartição Mundial de Escotismo tomaram parte nos trabalhos.

NOVO CENTRO DE FORMAÇÃO ESCOTEIRA EM CHIPRE

Os escoteiros de Chipre inauguraram o seu terceiro centro de formação. Os dois precedentes foram perdidos quando da divisão da ilha. O terreno tinha sido adquirido em 1975 e, partindo do nada, foi criado um excelente centro de campismo e de formação. Um concurso inter-patrulhas decorreu no fim de semana inaugural, tendo constituído uma demonstração do alto nível da preparação escoteira. Assistiram às cerimónias de inauguração dois mil escoteiros e diversas personalidades oficiais.

O ESCOTISMO E OS DEFICIENTES

1981 foi declarado Ano Internacional do Deficiente. O progresso do Escotismo de Extensão será um dos temas de discussão na Conferência Mundial, em Dakar, no próximo ano.

No Quénia, o Chefe Escoteiro Nacional lançou uma campanha para que os Escoteiros demonstrem o seu cuidado e preocupação por aqueles que a natureza não privilegiou e têm de sobreviver às suas deficiências. Entre as actividades sugeridas contam-se: organização de manifestações comuns entre os escoteiros e os deficientes; compra de equipamento necessário a estes; abertura de vias às crianças deficientes para que se possam juntar às unidades escotistas locais. Esta Campanha está a ser organizada sob o lema – "O ESCOTISMO ULTRAPASSA TODA A INCAPACIDADE".

A Nova Zelândia está a fomentar um projecto de encorajamento das chefias a fim de envolver no movimento escoteiro, cada vez mais, os rapazes com deficiências.

A sua política baseia-se na tese: "A criança deficiente tem o direito de crescer num mundo que não o discrimine, que não o olhe com pena ou desprezo, ou o ache ridículo, mas o acolha – tal e qual como a qualquer outra criança – e lhe ofereça privilégios e responsabilidades idênticas".

Em Abril, na Tunísia, realizou-se um curso no Instituto de Cegos, a fim de treinar os chefes escoteiros que irão tomar conta das unidades de crianças deficientes.

Esperamos que todas as Associações comecem a fazer um plano das suas actividades para o Ano Internacional do Deficiente, para o próximo ano.

A NOSSA ATITUDE EM RELAÇÃO AOS DEFICIENTES PODERÁ SER O SEU MAIOR DEFEITO!

COOPERAÇÃO INTER-PAÍSES

ALEMANHA E PERU

A Associação das Guias e dos Escoteiros Cristãos da Alemanha (VCP) lançou a sua campanha para 1980:

ÁGUA PARA VIVER. As primeiras acções começaram em Maio na Baviera, incluindo um desfile com a participação dos pais. Mais de 100 guias e escoteiros realizaram um peditório na cidade de Bamberg, para um projecto de irrigação no Peru. Os primeiros fundos recolhidos serão utilizados na compra de material e livros escolares para oito aldeias e combater assim um problema de base dos países do terceiro mundo.

As condições cada vez mais difíceis da vida rural levam as populações a fugir para as cidades. Estas não conseguem senão raramente oferecer emprego aos imigrantes. O resultado é que seis imigrantes em sete acabam em barracas em bairros de lata, abandonando toda a esperança. No vale de Omas, a 80 km ao sul de Lima, os aldeões, conscientes desta situação, tentam criar novas bases de vida.

O projecto de irrigação em NAUNCAO-TRÊS CRUCES constitui o primeiro objectivo dum melhoramento rural. Graças à construção duma barragem no Lago Huascacocha e de um canal de irrigação de 30 km, espera-se criar 20 000 hectares de terras aráveis no vale, assim como a construção de escolas e dispensários. As terras que os camponeses querem desenvolver pertencem à comunidade e assim o trabalho será para o benefício de todos. 2 000 famílias de oito vilas querem trabalhar em comum, todavia estes trabalhos serão muito dispendiosos.

Na Baviera, as guias e os escoteiros trabalharão no seu projecto "Água para viver", de Maio a Setembro e em 50 localidades. Querem informar a população e recolher fundos para os Peruanos, graças a peditórios, vendas públicas e serviços oferecidos em troca de remunerações.

CRUZADA DE ALFABETIZAÇÃO NA NICARÁGUA

Os escoteiros da Nicarágua trabalham assiduamente na cruzada nacional de alfabetização. Os escoteiros dão a formação necessária àqueles que irão seguir localmente a campanha. Enquanto os adultos seguem as suas aulas, os escoteiros ocupam-se também das crianças com os seus conhecidos jogos.

SRI LANKA

Em relação com o Ano Internacional da Criança, a Associação Escoteira adoptou dois lares para crianças deficientes, um dos quais para crianças débeis mentais.

Apoiam igualmente uma clínica para crianças perto de Colombo.

A fim de ajudar o desenvolvimento duma vila de pescadores perto de Batticaloa, um grupo de trabalho de 104 escoteiros construiu duas pequenas casas, fizeram os alicerces de oito e prepararam o local para outras 12. *Newsletter Bulletin – World Scouting*

Página do Escoteiro



ACAMPAMENTOS ESCOTEIROS

MONTAGEM DE COZINHAS

Já dissemos que a montagem de um acampamento escoteiro é uma obra de arte e uma técnica, que o Escoteiro deve executar a primor. A montagem da cozinha de campo é exactamente uma destas técnicas, pois exige conhecimentos e arte, porque a sua eficiência e certo aspecto campista depende muito da imaginação do escoteiro.

Hoje, usa-se com frequência em acampamento os fogões de gás butano. É eficiente e prático, mas obriga a carregar com a fornalha e a bilha de gás, o que torna o sistema incómodo. Tipicamente escoteiro, próprio do homem do bosque, é a fogueira. Portanto, devemos aprender a usar lenha e montar fornalhas.

O primeiro cuidado a observar na montagem da cozinha é a escolha do local. A fogueira deve ser feita em terreno seco, afastando tudo que possa ocasionar a propagação do fogo. Cortar o feno ou mato em volta e afastar das árvores. Se o terreno estiver molhado, construir um estrado de achas ou de pedras.

Em relação ao acampamento, a fogueira será feita do lado contrário ao vento, de forma a que os fumos não incomodem os campistas.

É necessário escolher lenha seca, podendo ser cortados os *ramos secos* das árvores. Quando a lenha estiver húmida, raspar a parte exterior. Se a humidade estiver profunda colocar as achas junto à fogueira para secarem.

Não é a muita lenha que faz a fogueira, mas a lenha utilizada com critério. Colocam-se primeiro pequenas aparas em forma de cone, podendo ser postas sobre uma bola de papel, de preferência de jornal ou similar. Não havendo papel, ervas secas ou arbustos finos também servem. Acender o fósforo e incendiar a bola de papel ou equivalente. A boca da fornalha deverá estar voltada para o lado de onde vem o vento, para que a lenha arda, já que as fogueiras precisam de ventilação. Ao lado da fogueira deverá estar pronta nova lenha para reforçar o fogo.

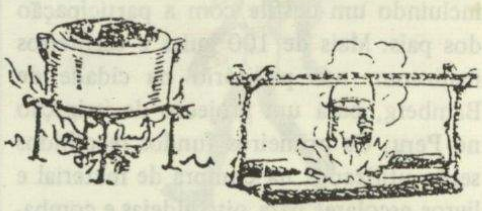
Não são indiferentes os sistemas de fornalhas, mas deverão ser usados de harmonia com a natureza do terreno, o estado do tempo e a duração do acampamento. As gravuras seguintes são tipos de fogueiras ligeiras para estadias breves.



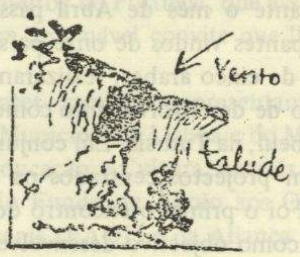


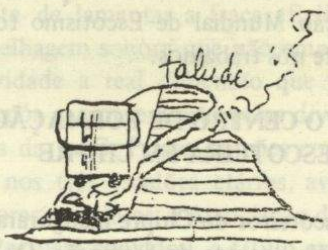


Os modelos seguintes têm já um pouco mais de preparação e sugerem uma estadia um pouco demorada.



Uma fogueira montada num talude, em local pouco ventoso:

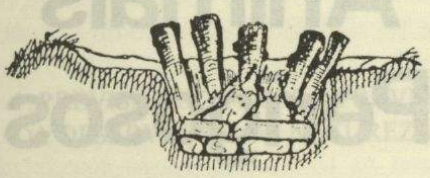


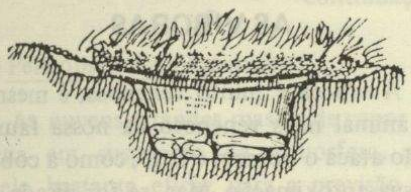


Uma fogueira simples protegida da chuva ou do vento por um abrigo cuidadosamente preparado com arbustos e canas. Repare-se na posição da lenha. Se estiver vento, a fogueira fica abrigada. Se for chuva, a água escorregará pelos arbustos ou canas. Dever-se-á fazer na base um rego para escoar a água.

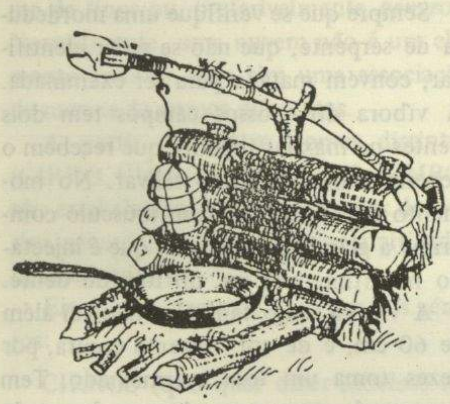


Mas se estiver muito vento e o terreno for plano pode-se construir uma fornalha abrindo um cova redonda no solo. Forra-se o fundo com achas, colocando outras ao alto em volta das paredes da cova. No centro colocam-se ramos finos, feno seco ou papéis e lança-se fogo.

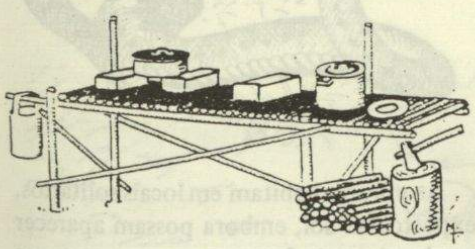


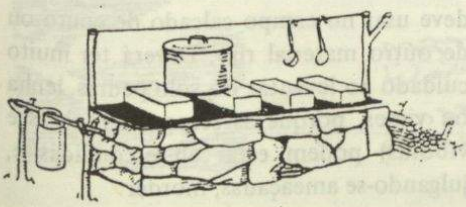


Outro modelo de fogueira com ampara-vento.



Se o acampamento vai demorar alguns dias, os modelos de fornalhas podem ser aperfeiçoados com a finalidade de proporcionarem mais comodidade. Damos a seguir algumas sugestões, que podem ser modificadas segundo a capacidade da tua imaginação.







A fossa, de que falámos anteriormente, será construída junto à cozinha, do lado contrário ao vento.

Junto à fogueira haverá sempre um balde com água, uma pá e um ramo de árvore prontos para apagar qualquer princípio de incêndio. No serviço de *cozinha* há dois serviços distintos. A cozinha com o respectivo *cozinheiro* e um ou dois ajudantes. A *fogueira* com o devido fogueiro, que mantém sempre o fogo sob sua vigilância. O Escoteiro tem a consciência de que a fogueira poderá constituir um perigo e, por isso, sabe proceder de forma a neutralizá-lo. Isso faz parte da sua técnica. Ele sabe construir a segurança e, por isso, todos os cuidados já citados serão cuidadosamente observados.

Apagar a fogueira exige também cuidados. Não basta deitar água ou tapar com terra. A água pode deixar brasas latentes que o vento poderá activar. Coberto com terra, o fogo pode continuar a lavrar e vir a propagar-se. O Escoteiro apaga o fogo com água, bate as brasas com uma pá até extinguir todos os focos e, só depois de estar seguro da sua extinção, o cobre com uma camada de terra.

*



JOGOS COM JORNAIS

O RECONTRO

Os escoteiros partem isolados dois a dois, ou em patrulhas, de dois pontos que distem cerca de 3 quilómetros, e marcham ao encontro uns dos outros. Podem seguir uma estrada indicada, ou procurar atingir uma árvore bem visível, ou ainda uma colina situada precisamente na retaguarda do campo inimigo, contando que os dois grupos se encontrem. *A primeira patrulha que conseguir descortinar o inimigo é a que consegue ganhar*. Para isso o guia da patrulha eleva a bandeirola de que todos vão munidos tanto quanto seja preciso para ser visto pelo árbitro, e ao mesmo tempo apita. Se a patrulha não marchar junta considera-se como tendo ganho o primeiro que levantar a bandeirola; o que é no entanto indispensável é que os escoteiros não percam nunca de vista o contacto com o chefe de patrulha.

É permitido recorrer a artifícios, subir às árvores, ocultar-se atrás de quaisquer obstáculos, mas – a não haver combinação prévia – não é lícito disfarçar-se.

Este jogo tem também lugar de noite.

* * *

O CORREIO

Um escoteiro recebe ordem de reconhecer um local determinado, por exemplo, uma estação de telégrafo duma aldeia. Deve, depois de feito o reconhecimento e antes de voltar, pedir que carimbe um bilhete seu.

Os outros escoteiros são postados pelo seu chefe de forma a impedirem o seu regresso, devendo para isso vigiar todos os caminhos, sem se aproximarem a menos de 200 m do "correio". O "correio" pode, em tais circunstâncias, disfarçar-se, e recorrer a todos os meios de transporte de que possa lançar mão.

* ✸ *

Animais Úteis

AS COBRAS

Talvez algum estimado Leitor fique surpreendido pela inclusão das COBRAS na categoria dos animais úteis. É que estes répteis são muito mal considerados; talvez pelo horror que as serpentes das regiões tropicais inspiram, mas estas são parentes muito afastados das inofensivas cobras da Península Ibérica.

As cobras são, entre nós, acusadas de coisas terríveis, crendices sem qualquer justificação. Diz-se que mamam nas mulheres e nas fêmeas dos animais, que entram na boca das crianças que se alimentam a leite. Isto não é verdade. As cobras não mamam nem podem mamar, porque a configuração anatómica da sua boca não o permite. As cobras são carnívoras e alimentam-se de animais que caçam, engolindo-os inteiros.



Para fazer prova de que as cobras não se alimentam de leite, já foi feita a seguinte experiência: foram mantidas cobras em cativeiro durante vários meses, pois aguentam muito tempo sem alimento, colocando depois junto delas leite quente, frio, fresco, fermentado, mas nenhuma lhe tocou. Lançou-se-lhes depois um rato ou um pássaro e foi imediatamente engolido.

A utilidade da cobra reside exactamente no facto de ser animal carnívoro, pelo número de animais nocivos que impiedosamente destrói.

Os ratos são animais roedores que causam grandes danos à agricultura. Pois as cobras movem-lhes guerra total. A cobra tem uma grande elasticidade do esófago e do estômago, não possui esterno, as costelas são livres e o maxilar inferior é formado por duas partes distintas não soldadas uma à outra. Esta constituição permite-lhes engolir animais de grande porte, que deslizam lentamente ao longo do esófago. Depois desta operação, a cobra enrola-se e conserva-se imóvel durante dois ou três dias, a fazer a digestão. Poderá em seguida passar dias e mesmo semanas sem alimento.

As cobras que existem nos nossos campos não são venenosas (à excepção da víbora); não atacam o homem fugindo à sua aproximação. Mas, se são atacadas ou julgam sê-lo, então defendem-se e algumas são mesmo aguerridas. Quando se julgam ameaçadas, tomam uma posição de defesa, levantam e projectam a sua cabeça para a frente.

O perigo que pode existir é estar-se na presença de uma víbora e julgar-se que é uma cobra. Mas como a víbora não tem mais de 60 cm, quando estivermos na presença de uma serpente de maior porte, podemos ter a certeza de que é uma cobra inofensiva. A cobra tem a cabeça oval, coberta de nove grandes placas dispostas simetricamente, a pupila do olho é redonda. Deslocam-se facilmente descrevendo voltas pouco acentuadas, levando a cabeça levantada sem tocar no chão. O seu tamanho pode ir até 2 metros.

A abundância de certas pragas nos nossos campos agrícolas talvez se deva à perseguição movida às cobras, em consequência das crendices e aflição que causam. É possível que a narrativa do Génesis, da tentação de Adão, contribua para esta repulsa. Durante muito tempo as gentes simples tomaram a narrativa à letra, quando se trata apenas de uma feliz imagem do Mal, dado o carácter da serpente, rastejante e insidioso.

Convém, no entanto, salientar que as considerações feitas se referem apenas à fauna da Península Ibérica, que de maneira nenhuma se aplicam às regiões tropicais, onde existem serpentes muitíssimo perigosas.

Ao banharem-se-se em rios, os escoteiros podem ser assustados pela presença de *cobras de água*. No entanto, estes répteis são inofensivos e fogem à aproximação do banhista.

Animais Perigosos

AS VÍBORAS

A víbora é muito venenosa, é mesmo o animal mais venenoso da nossa fauna. Não ataca o homem e foge, como a cobra, à sua aproximação. Mas, se for pisada ou excitada, morde e a sua mordedura é não só perigosa, mas dolorosa, frequentemente mortal. Em caso de mordedura, deve-se recorrer imediatamente a estabelecimento hospitalar que possa aplicar soro antivenenoso especial.

Sempre que se verifique uma mordedura de serpente, que não se saiba identificar, convém matá-la para ser examinada. A víbora dos nossos campos tem dois dentes no maxilar superior que recebem o veneno duma glândula salivar. No momento da mordedura, um músculo comprime a glândula do veneno que é injectado na vítima por um orifício do dente.

A víbora, cujo tamanho não vai além de 60 cm, é de cor cinzenta escura, por vezes toma um tom avermelhado. Tem uma cauda curta e a cabeça e forma de coração. A pupila do olho é oval e vertical e, ao contrário das cobras, nunca têm nove placas na cabeça, deslocam-se lentamente, a cabeça colada ao chão, desenhando curvas sinuosas.



As víboras habitam em locais solitários, expostos ao sol, embora possam aparecer em locais mais frescos, mesmo nas zonas de praia.

Para evitar o perigo da mordedura da víbora e de outros animais o escoteiro deve usar no campo calçado de couro ou de outro material rijo. Deverá ter muito cuidado ao levantar do solo pedras, lenha ou vimes, porque as serpentes (cobras e víboras) podem estar ali escondidas e, julgando-se ameaçadas, morder.

Processos Elementares de Previsão do Tempo (2)

1. PREVISÃO DO TEMPO ATRAVÉS DA OBSERVAÇÃO DA NATUREZA

continuação

d) Pela observação das nuvens

As nuvens, grandes massas de vapor de água em suspensão na atmosfera, são meio bastante eficaz para a previsão do tempo. Para tal, é indispensável distinguir a que tipo pertencem as que estão visíveis, para dessa observação se tirar as convenientes ilações.

Há nuvens de distintos aspectos, todos o sabemos, aspectos a que se dá o nome de *tipos* ou, preferivelmente, *géneros*. Normalmente, uma nuvem não é um elemento isolado, mas sim uma associação de nuvens de grupos diferentes.

A partir de quatro nomes distintos (CIRRO, CÚMULO, ESTRATO, NIMBO) são estabelecidas as denominações dos vários géneros, os quais surgem a altitudes determinadas.

Eis os caracteres de cada um dos géneros:

CIRROS (que quer dizer *cabelos*) são as nuvens mais altas (8 a 10 ou mais km de altitude. São de fina textura, quase transparentes, arrendadas, com a aparência de filamentos. Constituídas por finos cristais de gelo, anunciam chuva a médio prazo ou tempestade.

CÚMULOS (que significa *montes* ou *montões*) encontram-se desde os 500 m aos 6 km de altitude. Assemelham-se a grandes maços de algodão, de um branco alvinitente, que podem também ter uma parte sombria. Nunca cobrem o céu por completo. Aparecem geralmente depois do meio-dia e anunciam bom tempo, a não ser que não se dissipem até o pôr do sol, caso em que é de contar com o agravamento das condições meteorológicas. A parte superior mostra-se arredondada e a inferior plana.

ALTO-CÚMULOS (alto é prefixo designativo de nuvem de média altitude) variedade de cúmulos, que aparece entre os 2 e os 6 km. São os conhecidos "carneirinhos", brancos e pardacentos. Prenunciam mudança de tempo.

CIRRO-CÚMULOS, grandes faixas de pequenos flocos brancos, regulares e finos. Confundem-se, por vezes, com alto-cúmulos; no entanto, aqueles aparecem a maior altitude. Têm aspecto semelhante ao relevo ondulado das dunas de areia, causado pelo vento. São indício de mau tempo, porque precede uma depressão barométrica. Se, depois da chuva, continuarem isolados, quer dizer que o bom tempo vai voltar.

ESTRATOS (que significa *camadas*) são nuvens baixas (cerca de 800 metros). Apresentam-se como um véu contínuo, ligeiramente acinzentado e sem contornos definidos. Tem o aspecto de nevoeiro, mas não assenta no solo. Anunciam calma atmosférica. Podem dar neblina, mas nunca chuva. Podem também encontrar-se a qualquer altitude, associadas aos vários tipos de nuvens.

CIRROS-ESTRATOS, nuvens altas (7 a 10 km) de véu fino, esbranquiçado, de aspecto leitoso, deixando ver um halo em torno dos discos da Lua e do Sol. São formados por cirros combinados com o véu dos estratos. Pressagiam mau tempo.

ESTRATOS-CÚMULOS, grandes bancos ou rolos de nuvens, de cor parda, semelhantes a nevoeiro.

NIMBOS (que significa *auréolas*) são nuvens próximas do solo (de 900 a 1600 m), formadas por pequenas gotas de água, opacas. São sinal de chuva ou de neve. Aparecem quase sempre, associadas aos cúmulos, formando CÚMULOS-NIMBOS, nuvens majestosas, de desenvolvimento vertical, semelhantes a montanhas. Erguem-se sobre cúmulos, atingindo elevadas altitudes. Dão origem a borrascas, com precipitação de granizo e violentos golpes de vento.

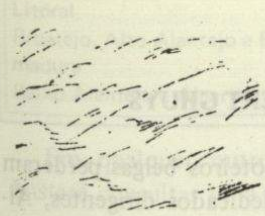
ALTO-ESTRATOS, nuvens de média altitude, de cor cinzenta ou esbranquiçada, fibrosas, que quase tapam o Sol ou a Lua. Sem interesse para a previsão meteorológica.

Sistematizando:

Sinais de chuva ou de mau tempo:

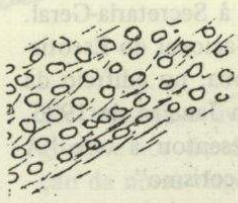
– Aparecimento de cirros ou cirros-cúmulos;
– Cúmulos que não se dissipam até o pôr do sol;
– Halo em volta da Lua ou do Sol (em resultado de cirros-estratos);
– Aparecimento de nimbos ou cúmulos-nimbos;
– Nuvens baixas, sem forma distinta;
– Pôr do sol com nuvens purpúreas;

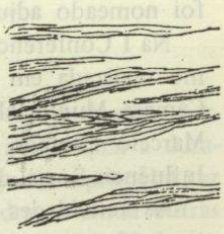
continua na pág. 15


Cirros


Cúmulos

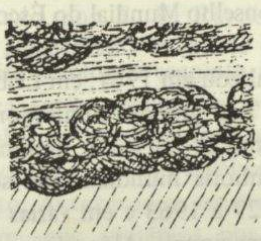

Alto-Cúmulos


Cirro-Cúmulos

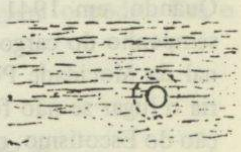

Estratos


Cirros-Estratos


Estrato-Cúmulos


Nimbos


Cúmulos-Nimbos


Alto-Estratos



E. C. MARCELO JOSÉ DAS NEVES ALVES CAETANO

A Televisão anunciou, na noite de 26 de Outubro corrente, que acabava de falecer, no Rio de Janeiro, o prof. dr. Marcelo Caetano, que foi chefe do último governo do antigo regime.

À margem de considerações de ordem política, que não dizem respeito a este jornal, reconheçamos que a figura de Marcelo Caetano se impunha pelo seu alto saber e inteligência, mestre de Direito Administrativo. Apesar das suas ligações políticas, revelou-se sempre como elemento dos mais tolerantes entre os seus pares, não desdenhando as relações com velhos companheiros de crenças e opiniões diferentes. A este espírito aberto não terá sido alheia a sua formação escoteira, pois Marcelo Caetano no tempo de estudante no Liceu Camões pertenceu ao Grupo de Escoteiros de Portugal nº 11, anexo àquele Liceu, tendo chegado a Chefe dos Serviços Administrativos.

Chamado a colaborar na Associação dos Escoteiros de Portugal, participou no I Campo-Escola de Chefes realizado em 1922, tendo obtido o diploma de escoteiro-chefe, cuja insígnia lhe foi entregue pelo comissário nacional Dr. Alfredo Tovar de Lemos, num exercício na Serra da Arrábida.

Em 1923, foi membro da Comissão Administrativa da AEP, para os serviços de Organização e Propaganda. Em 1924, foi nomeado adjunto à Secretaria-Geral.

Na I Conferência Nacional do Escotismo realizada em Lisboa, no edifício da Câmara Municipal, em Janeiro de 1925, Marcelo Caetano apresentou a tese "A Influência Social do Escotismo".

As actividades docentes e depois políticas afastaram-no da vida escoteira, mas não o desinteressaram do Movimento. Quando, em 1941, foi chamado ao desempenho do cargo de Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa, não aceitaria o lugar se não fosse legalizada a situação do Escotismo, que não tinha qualquer reconhecimento oficial depois do aparecimento daquela organização. Quando, por este facto, os dirigentes escoteiros lhe apresentaram cumprimentos, fez rasgado elogio do Escotismo e de Baden-Powell, embora formulando reservas ao espírito individualista que, disse, o Movimento cultivava.

Nessa altura, afirmou que "não tinha sido escoteiro-chefe, mas que era escoteiro-chefe".

Assinante de "Sempre Pronto" desde o primeiro número até 1974, era leitor assíduo, o que se revelava através dos cumprimentos que endereçava a colaboradores, particularmente ao Rev. Eduardo Moreira seu velho amigo do Escotismo, e as referências que continuamente fazia a dirigentes escoteiros que com ele se relacionavam. Não deixa de ser notável que um político, absorvido por problemas de governo, pudesse dispensar atenção a um jornal escoteiro.

"Sempre Pronto endereça condolências muito sentidas a seus filhos, irmãos e a toda a família enlutada.

*

PHILIPPE TOSSIJN

Foi com mágoa que tomámos conhecimento de que faleceu em 11 de Agosto p. p. o antigo dirigente da Fraternal Internacional dos Escoteiros e Guias, sr. Philippe Tossijn.

Este dedicado escoteiro era grande amigo dos portugueses, como teve oportunidade de o manifestar em diversas visitas que fez ao nosso país, no desempenho de funções profissionais, pois era um conceituado perito da NATO e membro do Colégio Internacional dos Comissários de Contas, de Paris. Era também distinto poliglota.

Tossijn entrou para o Escotismo com 14 anos e foi um dos fundadores do 7º Grupo popular de S. Paulo, em Lovaina (Bélgica). Depois foi a subida até aos mais altos cargos do movimento escotista: guia de patrulha, chefe ajudante, chefe de tribo, chefe de grupo, comissário regional e comissário internacional da associação belga, cargo que ocupou durante largos anos. Ascendeu, depois, a membro do Conselho Mundial do Escotismo, tendo sido eleito na Conferência Mundial que se realizou em 1961, em Lisboa.

Era grande admirador do escotismo, como prova a sua presença em todos os jamboris mundiais que se realizaram de 1929 a 1963 e em várias conferências internacionais. Além disso, era autor de vários livros de técnica escotista.

Mais tarde, ingressou no movimento dos Antigos Escoteiros, onde viria a desempenhar papel de relevo. Assim, depois de ter sido eleito tesoureiro do Conselho da Fraternal Internacional de Escoteiros e Guias, viria a sobraçar o cargo de presidente em 1975, na conferência que se realizou na Dinamarca. Tendo completado os quatro do seu mandato em 1979, resignou a estas funções em 1979, na conferência realizada em Bergen, na Noruega, em que foi alvo de uma manifestação muito especial de apreço pelos relevantes serviços prestados àquela organização.

Como dissemos, foram diversas as vezes que visitou o nosso país e em todas elas contactou em especial com o movimento dos antigos escoteiros, oferecendo sempre o avisado conselho da sua experiência. Em Agosto de 1969, também aqui em Lisboa, honrou *Sempre Pronto* com uma notável entrevista, onde expôs pontos de vista acerca do trabalho dos Antigos Escoteiros e das suas relações e colaboração com as associações escotistas e guidistas.

Em Abril de 1977, esteve pela última vez na nossa capital. Durante uma das suas visitas, chegou a sugerir a organização de uma excursão dos antigos escoteiros portugueses à Bélgica, aventando a hipótese de conseguir condições especiais para a viagem, a qual, contudo, não se chegou a efectuar, devido às dificuldades que então se atravessavam.

Encontrava-se doente desde Abril deste ano.

Pode dizer-se, sem sombra de exagero, que os escoteiros e os antigos escoteiros portugueses perderam um dos seus mais fiéis amigos.

*

ALBERT GHUYS

Os antigos escoteiros belgas perderam outro dos seus dedicados dirigentes, Albert Ghuys, que era actualmente o tesoureiro da Fraternal Internacional dos Antigos Escoteiros e Guias, falecido em 28 do passado mês de Agosto.

Um encontro de antigos escoteiros realizado este ano em Blankenberghe, na Bélgica, teve em Ghuys um dos obreiros que mais contribuiu para o seu êxito.

Acompanhamos os nossos irmãos escoteiros belgas no desgosto que estes dois infaustos acontecimentos lhes causaram.

VAMOS CONSTRUIR UM RELÓGIO DE SOL?

continuação da pág. 3

não se dispor de local apropriado para a montagem de um relógio de mostrador horizontal. Nesse caso, pode utilizar-se uma parede, um muro ou qualquer outra superfície vertical.

A figura 3 mostra-nos um relógio com quadrante vertical, a montar num local cuja latitude seja 40º . O esquadro assentará o lado B-A sobre o mostrador e, evidentemente, o lado A-C indicará a meridiana.

Como ponteiro, utilizar-se-á um estilete, colocado na parte superior do mostrador, como indica a gravura, o qual fará com este, já que terá de ficar na direcção do lado B-C do esquadro, um ângulo de 50º , isto é, a colatitude do lugar.

O mostrador é orientado rigorosamente na direcção leste-oeste, olhando para o sul, e as horas são marcadas com o auxílio de um relógio vulgar.

Tanto no caso do mostrador vertical como no do mostrador horizontal, tem de se dar o devido desconto, quando se esteja em regime de hora de Verão.

O gnómon, nos dois tipos de relógio, terá de ficar sempre paralelo ao eixo da Terra.

INDICAÇÕES SOBRE A LATITUDE

Para quem desconheça a latitude da localidade em que vive, publicamos o quadro da latitude aproximada das províncias do território continental, já que, para este efeito, não é necessário que os graus sejam expressos rigorosamente;

Províncias	Graus
Minho, Trás-os-Montes e Douro	41
Beira Alta, Beira Baixa e Beira Litoral	40
Ribatejo, Alto Alentejo e Estremadura	39
Baixo Alentejo e Algarve	38

Em qualquer outro ponto da Terra, bastará consultar uma boa carta geográfica para se saber a latitude do lugar.

E, agora, mãos à obra! Fazemos votos para que, num futuro próximo, as sedes dos nossos grupos de escoteiros, possam ostentar, sendo possível, um curioso relógio de sol, que despertará o interesse dos rapazes e fará com que eles admirem ainda mais as maravilhas e as possibilidades que a Natureza oferece.

Pinguim do Meio-Dia

GRUPO Nº 52 – AEP – TERCEIRA

"MAIS ALÉM"

O Grupo nº 52, de Angra do Heroísmo, que viu a sua sede completamente destruída pelo sismo de 1 de Janeiro, iniciou a publicação de um boletim policopiado – Mais Além – com notícias das suas actividades e colaboração de Escotismo.

Naturalmente, este primeiro número refere particularmente os problemas decorrentes do sismo. É interessante saber-se que o desastre, que levou ao desaparecimento da sede do Grupo, provocou um movimento de solidariedade dos Escoteiros de Portugal. A AEP levantou uma subscrição, que ainda não sabemos que soma reuniu, a Repartição Mundial de Escotismo fez uma oferta de dez mil dólares, e o "Sempre Pronto" ofereceu quatro mil escudos produto da venda avulso do jornal em 1979.

Presentemente, a família do artista sr. Maduro Dias pôs à disposição do Grupo um terreno na Rua Dr. António Moniz, nº 6, onde foi instalada em tendas uma sede provisória, que poderá funcionar mesmo de inverno.

Como consequência do prestígio alcançado pelo Grupo como resultado dos serviços prestados durante a tragédia, o efectivo do "52" tem vindo a aumentar em virtude do ingresso de muitos aspirantes.

O 22º ANIVERSÁRIO

DO GRUPO Nº 12 (AEP)

No fim-de-semana de 27 e 28 de Setembro passado, o Grupo nº 12 da AEP, com sede em Sassoeiros, Carcavelos, festejou o seu 22º aniversário com um acampamento que se realizou na Quinta Nova, em Carcavelos. Além dos escoteiros do Grupo, esteve presente a secção feminina dirigida pela professora D. Maria Margarida Melo.

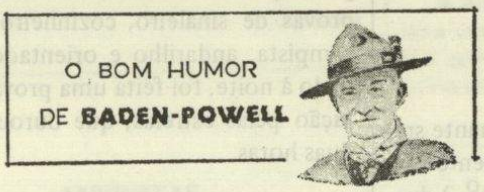
No sábado, houve fogo de conselho e, no domingo, uma festa de campo para comemorar o aniversário. O escoteiro-chefe leu o relatório das actividades do último ano e fez a entrega das estrelas de antiguidade, bem como dos novos lenços, pois o Grupo passa a usar lenços de cor azul com dois filetes branco e vermelho.

Prestaram promessa os novos lobitos Rui Miguel Magalhães e Luís Pedro Magalhães, tendo como madrinhas as sras. D. Fernanda Tobias Guedes e D. Odete Goes. Estiveram presentes delegações dos Grupos 93, de Sintra, e 94, de Lisboa.

* * *

O Grupo participou no 23º Jambori no Ar, de colaboração com o Grupo nº 16 e a Companhia de Guias com sede em Carcavelos e o apoio do Sr. Eng. José C. Aquino, radioamador.

O posto radioamador C. T. I. M. Z. esteve instalado no centro comunitário de Carcavelos, onde o Grupo 16 fez uma exposição do seu material e troféus ganhos em diversas actividades. Na noite de sábado, os grupos participaram num fogo de conselho. A actividade foi muito visitada por familiares dos escoteiros e muito público. – A. V. C.



Baden-Powell foi sempre um homem que, em todas as oportunidades manifestava um tal à-vontade e senso de humor que tinha o condão de conquistar o agrado da gente nova. Eis um saboroso episódio acontecido aquando do I Jambori Mundial, contado por E. E. Reynolds:

Um escoteiro lembra o seguinte incidente: "Eu era então apenas um jovem escoteiro. Tinha-me perdido dos meus amigos e estava, por isso, provavelmente com ar inquieto. Avançávamos em massa, quando alguém, que tomámos por um instrutor, se pôs a marchar ao nosso lado. Ele tagarelava livremente connosco, perguntava-nos donde éramos, qual a duração da nossa viagem, se era a primeira vez que vínhamos a Londres e ainda outras coisas, até que chegámos à sala. Aí ele nos deixou alegremente e, no meio da nossa estupefacção, subiu para o pódio. Era o Chefe"!

***

DOS AMIGOS DE "SEMPRE PRONTO"

DOENTES

EDUARDO RIBEIRO

O nosso director esteve bastante doente e foi submetido a uma intervenção cirúrgica que decorreu da melhor maneira, encontrando-se em franca convalescença à hora em que redigimos esta notícia.

FRANCISCO JOSÉ A. B. CARREIRAS

Também este nosso prezado assinante foi submetido recentemente a uma intervenção cirúrgica de que se encontra quase recuperado, facto com que muito nos congratulamos.

✸

ANTÓNIO PINTO

Chega agora ao nosso conhecimento que este nosso companheiro, dedicado escoteiro-chefe, também esteve internado numa casa de saúde, onde foi sujeito a uma intervenção cirúrgica. Como sabemos que está presentemente em franca recuperação, fazemos votos por que esses bons auspícios se confirmem completamente.

✸

O nosso estimado assinante do Funchal sr. José Manuel Moniz Robinson tem estado doente e internado no hospital, do qual teve já alta.

Sinceramente lhe desejamos completo restabelecimento.

✸

O nosso dedicado amigo e assinante sr. Luís Grau Tovar de Lemos, dirigente escoteiro e antigo chefe do Grupo nº 2 durante muitos anos, que, conforme noticiámos, tem estado doente em consequência de um lamentável atropelamento, continua retido em casa, embora registando algumas melhoras.

Sinceramente desejamos que estas se acentuem.

✸

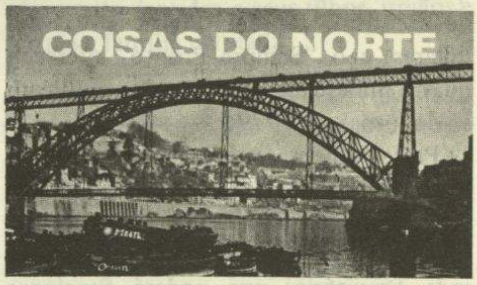
FALECIMENTO – Em 22 de Outubro corrente, faleceu em Lisboa, com a idade de 84 anos, o nosso prezado assinante sr. Mário Augusto, aposentado da Imprensa Nacional.

O extinto, grande admirador do Escotismo, era casado com a sra. D. Maria de Jesus Augusto. Foi pai do escoteiro Eurico de Jesus Augusto, do antigo Grupo nº 10, de Lisboa, lamentavelmente ceifado pela guerra na Guiné.

À viúva apresentamos sentidos pêsames.

✸

DE LUTO – Pelo recente falecimento de sua sogra, Sra. D. Avelina de Oliveira Ribeiro, encontra-se de luto o nosso estimado assinante Sr. Amílcar Fernandes. "Sempre Pronto", que se fez representar no funeral pelo seu colaborador Ernesto Clímaco do Nascimento, apresenta sentidas condolências ao nosso companheiro Amílcar Fernandes, a sua esposa e mais família.



GRUPO Nº 4 – PORTO

A Chefia deste Grupo abriu um Concurso de Guias a fim de habilitar os seus elementos com mais amplos conhecimentos escotistas. Para o efeito, estiveram acampados nos dias 6 e 7 de Setembro, no local da Arroteia da Areosa, com a presença de 25 escoteiros. Realizaram-se provas de sinaleiro, cozinheiro, sapador, campista, andarilho e orientador. No sábado à noite, foi feita uma prova de orientação pelas estrelas, que durou cerca de duas horas.

ACAMPAMENTO REGIONAL NA RÉGUA

A fim de tomar parte na abertura da actividade em epígrafe, partiram do Porto às 9.20 horas de sábado, dia 21, 24 escoteiros deste Grupo, que assistiram à sua inauguração, representando no dia 22, pelas 19 horas.

É de salientar que, durante a noite, desabou forte temporal, nomeadamente chuva e trovoada.

No domingo, já o tempo esteve bom e então foram feitos dois passeios culturais a pé para visitar a barragem da Régua, que dista cerca de 3 quilómetros desta Vila, e a Feira do Vinho do Porto, que se efectuava naquela localidade. A Chefia deste Grupo aproveita a oportunidade para agradecer ao EC. Humberto Costa, do Grupo nº 49, que com a sua costumada benevolência e atenção, conseguiu que fosse facultado o ingresso gratuito naquele recinto. – *D. Figueiredo*

✸

PÓVOA DO VARZIM

GRUPO Nº 26 – AEP

ACAMPAMENTO REGIONAL – Estiveram presentes na Régua a participar no acampamento regional do Norte, os membros deste Grupo, chefe de tribo Sidónio Augusto, guia Carlos Alberto da Mata Sousa, subguia Vítor José Gomes Ferreira e escoteiro Luciano Neiva. Para o mesmo efeito, seguiram depois para aquela localidade, o escoteiro-chefe Manuel da Silva Leite, chefe ajudante Manuel Agonia, guia Antílope Luís de Moura Brito, Luísa Gomes Ferreira e Maria da Graça Gomes Ferreira.

NOVO GRUPO EM TOUGUINHÓ – Está em organização nesta localidade um novo grupo de escoteiros, iniciativa do "26". Para tratar de assuntos referentes a este trabalho, efectuou-se uma reunião com o Núcleo do CNE desta cidade, que proporcionou uma troca de esclarecimentos no melhor espírito de colaboração.

GRUPO Nº 42 – AEP

Foi inaugurada esta nova unidade dos Escoteiros de Portugal, uma iniciativa coroada de êxito do Grupo nº 26. Os actos efectuaram-se em 23 e 24 de Agosto, na freguesia de Argivai, onde o grupo tem a sua sede.

Participaram nas cerimónias os grupos nºs 4, 25, 26, 38, 44, 53, 58, 59, 91, de Touguinhó (em formação), o agrupamento do CNE de Barreiros e da Matriz, e os chefes do núcleo local do CNE.

Houve desfile pelas ruas da cidade, tendo sido colocados ramos de flores nos monumentos de Elísio da Nova, Cego de Maio e Cruzeiro do CNE.

O compromisso de honra dos novos dirigentes e escoteiros realizou-se na igreja do Senhor dos Milagres, tendo o chefe do Núcleo de Lamego da AEP, EC Humberto Costa, feito uma alocução aos escoteiros.

No sábado, efectuou-se um acampamento dos grupos 26 e 42, no local das pedreiras, tendo sido construído um pórtico muito sugestivo e uma ponte himalaia. – M. L.



ANIMAIS PERIGOSOS

continuação da pág. 10

Por mais esta razão, os locais de acampamento devem ser cuidadosamente limpos e assim conservados. As camas devem ser observadas, antes do recolher.

Em caso de mordedura de víbora, o tratamento de emergência, especialmente se o acidente ocorre em local distante do socorro médico, deve ser a aplicação de um torniquete entre a ferida e o coração, tentando evitar que o veneno se espalhe no corpo, dando tempo à intervenção médica.

Poder-se-á ainda fazer sangrar a ferida, alargando-a com um canivete, aplicando depois pachos de amoníaco ou uma solução de permanganato de potássio a 1%.

Outro sistema usado, com algum resultado, é chupar fortemente o sangue no ponto mordido, desde que a operação seja executada por quem não tenha qualquer ferimento na boca, pois neste caso seria envenenado. O veneno não actua sobre o aparelho digestivo.

Seria conveniente que os grupos de escoteiros incluíssem nos programas de instrução o treino na identificação das víboras. O escoteiro deve estar habilitado a distinguir rapidamente a *víbora* da *cobra*. Deve-se, no entanto, acrescentar que a víbora não é muito comum, é muito mais vulgar a cobra, de que existem várias espécies. Também não há notícia de ter sido mordido qualquer escoteiro nas suas actividades de campo. No entanto, "mais vale prevenir do que remediar".

As serpentes podem ser imobilizadas com uma vara terminada por uma pequena forquilha (a chamada "tronca" dos caminheiros, hoje tão pouco vista) cujos ramos de ponta não tenham mais de 2 cm. Apertam-se e entalam-se contra o solo, ficando impedidas de se moverem. Podem ser assim examinadas, com precaução verificando se se trata de cobra ou víbora.



PROCESSOS ELEMENTARES DE PREVISÃO DO TEMPO (2)

continuação da pág. 11

– O Sol esconde-se por trás de nuvens e não aparece antes do pôr do sol;
– O nevoeiro sobe, formando nuvens;
– Nuvens abundantes a sul e a sueste;
– Nevoeiros abundantes a norte e a nordeste;

Sinais de bom tempo:

– Aparecimento de cúmulos, após o meio-dia;
– Nuvens arredondadas e de contornos nítidos;
– Nuvens leves, de forma indecisa;
– O nevoeiro desce.

Sinais de vento:

– Nuvens arredondadas, de contornos nítidos, em pouca quantidade;
– Pôr de sol, com nuvens purpúreas, carregadas.

Sinais de mudança de tempo:

– Alto-cúmulos.

Sinais de nevoeiro:

– Estratos.

Sinais de tempo calmo:

– Estratos.

Pinguim do Meio-Dia

continua

ANEDOTAS

– Que deseja tomar? – perguntou o criado ao cliente, bastante idoso.
– Um copo de conhaque.
– Centenário?
– Não; faço cinquenta e oito para o mês que vem.

*

– Seu marido necessita de um repouso absoluto – diz o médico. – Tem aqui uns comprimidos para dormir.
– Quantos terá de tomar?
– Ele nenhum. A senhora, três.

ANTÓNIO FRANCISCO XAVIER DE BRITO

Em resposta ao apelo que aqui fizemos de empréstimo de documentação escoteira antiga, que possa servir de elemento de informação para a "História do Escotismo em Portugal", foi-nos muito grato receber a visita deste nosso companheiro e amigo que nos trouxe jornais, exemplares do Diário do Governo e outros documentos, muito úteis para o fim em vista e que gentilmente nos ofereceu.

Xavier de Brito é presentemente o mais antigo Escoteiro de Portugal, pois ingressou na primeira hora no Grupo nº 2, em 1912. Por isso, a sua visita foi para nós uma agradável oportunidade de o abraçar.

AGRUPAMENTO Nº 119 – CORUCHE

Os estimados companheiros deste Agrupamento do CNE, sempre activos e cheios de iniciativa, tiveram a amabilidade de oferecer a "Sempre Pronto" autocolantes referentes a actividades que tem realizado, bem como, uma bonita insígnia bordada "22 JOTA 1979 – INTERNACIONAL CAMP – GENEVE, SWITZERLAND".

Agradecemos e saudamos os nossos irmãos-escoteiros do "119" de Coruche.

ESCOTEIROS E GUIAS AUXILIARAM OS EMIGRANTES NAS FRONTEIRAS

A convite da Secretaria de Estado da Emigração, escoteiros, escutas e guias prestaram serviço nas fronteiras de Vilar Formoso, Caia (Elvas), Vila Verde de Ficalho e Quintanilha, dando apoio aos emigrantes que vieram a Portugal gozar as suas férias.

Os Escoteiros e Guias acolheram os viajantes, forneceram informações e prestaram pequenos serviços, dando especialmente assistência em caso de doença.

A Aliança Nacional da ACM, correspondendo a uma solicitação da Região Centro, dispensou camisolas ACM aos Escoteiros, de forma a que pudessem evitar o calor.



SEMPRE PRONTO

O encerramento das oficinas gráficas em Agosto passado para férias do pessoal, atrasou a publicação do "Sempre Pronto" como era inevitável. Somos, por isso, forçados a editar outro número duplo referente a Setembro - Outubro.

Pedimos desculpa deste facto e esperamos a benevolência dos nossos estimados leitores.

MARCO DO CORREIO

GRUPO ESCOTEIRO PALMEIRAS SÃO PAULO

Agradecemos as simpáticas palavras, em carta de 6 de Outubro, acerca de "Sempre Pronto".

Endereçámos o pedido ao Serviço de Material e Uniformes, A. E. P., Travessa das Galeotas, 3 — 1300 Lisboa.

DE MÊS PARA MÊS



O EXEMPLO DOS VELHOS LOBOS

Parece que presentemente o público despertou a sua atenção para a prática de exercícios físicos. Por toda a parte se vêem crianças, jovens e adultos a correr, a fazer ciclismo, a praticar outros desportos. Saudemos hábitos tão saudáveis, embora nos pareça que, em certos casos, tais exercícios deveriam ser precedidos de exame médico.

Reparem, porém, esses amigos que a vantagem que só agora descobriram no exercício físico é já uma prática corrente nos Escoteiros há quase 70 anos. Haverá exercício mais saudável e que mais movimente todo o corpo do que um dia de campismo escoteiro?

A prova da grande vantagem da actividade escoteira de campo encontra-se no vigor que apresentam os velhos escoteiros, exactamente aqueles que mais marchas, jogos e exercícios fizeram.

EFEMÉRIDES

OUTUBRO

Dia 1, de 1941 - Inicia a sua publicação uma nova edição de "O Escoteiro", sob a direcção de Franklin de Oliveira. Publicou cinco números.

NOVEMBRO

1915 — Publica-se "O Escoteiro", o primeiro jornal escotista português, sob a direcção de Sá Oliveira.

Dia 22, de 1924 - O Diário do Governo, nº 262, publica a Portaria nº 4283, que considera os grupos filiados na AEP com associações desportivas para o efeito da aplicação da tarifa especial interna nº 1, de grande velocidade, dos Caminhos de Ferro do Estado.

Dia 12, de 1924 - Diário do Governo Decreto nº 10289 - determina que em todas as escolas dependentes do Ministério do Comércio e Comunicações, sejam instalados grupos de Escoteiros de Portugal.



EDUARDO RIBEIRO

Na impossibilidade de agradecer individualmente, como devia, a todos e tantos companheiros e amigos que tão solicitamente se interessaram pela sua saúde por ocasião da intervenção cirúrgica a que foi submetido em 6 de Outubro corrente, pede-nos o nosso Director que por este meio a todos enderecemos o seu profundo reconhecimento por tão simpática manifestação de amizade.

VAI REALIZAR-SE NO PORTO A PRÓXIMA CONFERÊNCIA DE DIRIGENTES

Chegou ao nosso conhecimento que a próxima Conferência de Dirigentes se realiza na cidade do Porto, em 13 e 14 de Dezembro deste ano.

UM PEDIDO DE "SEMPRE PRONTO"

JORNAL "ESCOTISMO"

Em resposta ao pedido formulado no último número de "Sempre Pronto", o nosso caro colaborador João Nunes, correspondente no Funchal, teve a amabilidade de nos remeter duas boas fotocópias dos nºs 1 e 4 do "Escotismo", de 1936. Acontece, porém, que também nos falta o nº 6 do mesmo ano.

Do ano de 1937, só possuímos até aos nºs 3/4, de Junho, ignorando se foram publicados outros números.

IMPRENSA ESCOTEIRA

JANGADA

Tivemos o gosto de receber os nºs 4, 5 e 6 do boletim informativo "Jangada", dos meses de Julho, Agosto e Setembro/Outubro, publicado pela Equipa "Jacques Yves Custeau, do Agrupamento nº 555, do CNE, de Almada.

Mantém-se o excelente aspecto do boletim policopiado, o bom nível artístico das ilustrações e o interesse da variada colaboração inserta, tanto técnica, como doutrinária e noticiosa.

Agradecemos a visita e desejamos novos êxitos.

NATURAMA

O activo Agrupamento nº 119 do CNE, com sede em Coruche, publicou no último verão a revista de actividades escotistas e protecção da natureza — NATURAMA. Com uma bonita capa a cores. "Naturama pretende ser um órgão de informação sem qualquer tipo de tendência político-económica, virada para os aspectos que sempre nortearam a organização que lhe deu base: a Vida ao ar livre e Natureza!".

Insere colaboração sobre Escotismo, Filatelia, Ornitologia, problemas ecológicos, Arqueologia e outros assuntos. É uma revista cheia de interesse.

Na pessoa do seu director, sr. Fernando Luís Costa Amaro, saudamos todos os companheiros que trabalham com este colega da imprensa escoteira com votos de muito êxito.